



UNIÃO FIGUEIRENSE

Administrador e proprietário — José M. F. David
PUBLICAÇÕES
 Comunicados e annuncios e entendendo accusações a particulares ou relativos á vida privada dos cidadãos não se publicam.
 Composto e impresso nas officinas da UNIÃO FIGUEIRENSE. Redacção e Administração, Rua Luiz Quaresma Val do Rio

Semanario Republicano
 DIRECTOR POLITICO — Miguel A. A. Correia
 Secretario da redacção — ALFREDO S. PIMENTA

Editor — Alfredo Lencastre e Barros
ASSIGNATURAS
 Annuncios por cada linha 40 réis, repetições 20
 Anno, pagamento adeantado 1\$200
 Semestre 600
 Brazil (moeda forte) 2\$000
 Africa 1\$200
 Numero avulso 30

CARLISTAS & MIGUELISTAS

A sotaina e a roupeta negra têm nos ultimos dias agitado a opinião publica na Peninsula, muito especialmente no norte de Portugal e na provincia de Orense da laboriosa Gallicia.

Comprehende-se que n'esta região tenham os conspiradores assentado os seus arraiaes, desfraldando bandeiras de guerra, visto que dirigem a *tactica* pelo lado da religiosidade dos povos e é justamente nas nossas provincias do Minho e Trazos Montes e na Galliza, onde os crentes ainda serão capazes de sacrificar a existencia em defeza dos seus ideaes religiosos, que os traidores hypocritamente dizem desprezados e atacados pela Republica Portugueza.

Paiva Couceiro, n'este momento não pretende restaurar uma coroa para sempre perdida; uma vez ligado aos reaccionarios hespanhoes, o *calatrava* está por natureza ligado á Companhia de Jesus, defende a reacção peninsular, que nem admite D. Manoel de Bragança em Portugal, nem Affonso XIII em Hespanha. O portuguez, que á frente de portuguezes, conquistara glorias no ultramar, ennobrecendo o nome de Portugal, renegou o ideal da Patria.

Passando alem fronteiras, esse homem, cujo caracter de militar e de portuguez ainda em 5 de outubro mereceu o nosso respeito e a nossa admiração, pela heroicidade com que nobremente defendia o juramento que prestara, embora *contra* a nossa causa, tem hoje apenas o desprezo e a indignação de todos os portuguezes.

E' que em 4 e 5 de outubro dava elle generosamente a sua vida em prol do ideal politico que abraçara, e em defeza de um throno cujos direitos reconheciamos como legitimo symbola da Patria.

Hoje Paiva Couceiro já não é um heroe, porque defende o que desappareceu e combate o que ficou: é o legionario da traição que pretende resuscitar um morto, matando um vivo; é o criminoso de lesa-patria que pretende esmagar um povo, aniquilar uma nacionalidade, enluctar vergonhosamente as paginas da nossa historia militar, satisfazendo os caprichosos intentos sanguinarios — é o vendilhão infame da nossa Liberdade!

D. Jayme de Bourbon e D. Miguel de Bragança deram-se as mãos na sonhada reconquista do absolutismo iberico, á sombra da poderosa Companhia de Jesus.

O *papa-negro* entrega nas mãos dos conspiradores o premio da sua traição e ao *complot* dos bandidos não falta o apoio de todos os clericos, ansiosos pelo momento de poderem de novo *purificar* as crenças com a fogueira horrorosa da inquisição.

E assim, prepara-se um fanatico bando de *vandalos* hespanhoes, que venham, commandados por Couceiro, pisar o nosso solo para estrangular a Republica, sem saberem que a dura lição de Aljubarrota, e tantas outras, os espera nos leaes filhos do velho Portugal. Que venham, pois, os traidores, com essa legião de mercenarios estrangeiros experimentar os golpes duros do nosso patriotismo. Que venham os vendilhões da Patria impôr-se ridiculamente ao vôo soberbo d'esta aguia secular e verificarão que antes venderam a propria vida!

E' tarde para que os filhos de Loyola tentem erguer em ruinas de sangue os alicerces carcomidos da sua obra infernal.

A Republica tem generosamente procurado por todos os meios reconciliar os mais exigentes, respeitando todos os direitos e regalias das classes, ainda d'aquellas cuja adhesão sincera e leal não era de esperar e com que jamais contaria.

E assim, ao separar o Estado das egrejas, só o fez espiritualmente, o que de resto a ellas convinha, porquanto tomou sobre si encargos penosos a que o paiz terá de fazer face com sacrificio, indemnizando os parochos de serviços que de ora ávante lhe não prestam, concedendo-lhes como que uma reforma, a que nem sequer tinham direito — as pensões.

A Republica fez isto n'um impulso grande de generosidade e o paiz conformou-se com o acto do governo, não sem reparos é facto, mas no convencimento de que na disciplina partidaria reside a salvação da Patria. O governo decretou e o paiz inteiro recebeu a lei com jubilo. E o que fizeram os parochos, aquelles que eram precisamente os beneficiados? — *Levantaram se com o santo e a esmola!*

Quando se esperava que cada padre levantasse as mãos ao ceu, dando *vivas* á Republica, verificou se que a maioria lhe dispensava o favor, porque, é claro,

se saciaram nas *alminhas bentas* em *piadosas* intrigues com que têm explorado a a humanidade. Sim, porque não se comprehende que o padre que é honesto e que, portanto, não *enriaceu* a dizer missas, recusasse uma pensão que lhe garante a si e aos seus, uma vida sem privações, a que estão sujeitos todos os filhos de Deus, inclusivé os seus ministros...

Nem tão pouco as pensões foram recusadas pelo facto da lei da separação permitir aos sacerdotes o casamento e o acto mais digno que por ella se pode consumir, a perfilhação, visto que pouquissimos ha que não tenham mulher e filhos, embora secretamente. Até n'este ponto a lei accusa generosidade e em nenhum ella é odiosa.

— Então se a lei é boa, se a lei é generosa, se a lei é accete por uma parte importante do clero, porque é que a maioria a não acceta?! — A resposta é esta. — E' porque o padre, em geral, não quer ser só *padre*, isto é; não quer restringir-se á administração do culto.

O padre quer ser politico, o padre quer ser despotico, o padre não quer só remetter almas para o ceu, quer tambem remette las para o inferno...

E a Republica não quer que o padre seja outra coisa que não seja ser *padre* e eis a razão porque elle a declara sua inimiga.

N'estas condições, o clero portuguez pediu auxilio ao clero reaccionario hespanhol e obteve-o, mancomunados uns e outros com os jesuitas, a quem a causa é commum.

Ahi está porque se accusa a Republica de cercear os interesses das egrejas, quando ella lhes garante esses interesses ao ponto de dar aos parochos, por meio de pensões, a certeza de uma vida regalada, deixando lhes o pulso livre para o exercicio das suas funções.

O que elles não querem perder é a influencia politica que têm tido, a preponderancia sobre as outras classes, para satisfação das suas vaedades e dos seus caprichos. Este é que é ponto de partida de todos os seus queixumes, d'onde deriva toda a sediciosa urdidura de insidias que têm tecido contra as novas instituições. E, porque temem isto mesmo, os reaccionarios hespanhoes, ao lado da ceita negra, trabalham tambem desalmadamente contra Portugal, porque vêem fugir-lhes debaixo dos pés o terreno que pizam vaidosamente e a que chamam seu pelo direito de posse.

A Hespanha é o paiz mais desgraçado da Europa, porque nunca soube libertar se do perigo da roupeta negra e da tonsura secular e viverá immersa na escuridão eterna da consciencia, emquanto não revolver nas suas entranhas o facho luminoso do livre pensamento. A Hespanha nobre e briosa deve a sua ruina ao freio terrivel que lhe impõe o claricalismo. O seu vasto imperio colonial da America teria podido ser mantido, com poderosas esquadras e uma administração habil.

Pela mesma razão, as suas preciosas indias occidentaes não teriam ainda uma independencia com que nada lucraram, nem mesmo a Grande Antilha.

As Filipinas não seriam hoje do dominio da soberba America do Norte;

as Mariannas, Carolinas e Palaus não estariam na posse da Allemanha. A Hespanha seria forte, sem a praga jesuitica a sugar-lhe o seu rendoso thesouro. Mas actualmente ainda ella gasta, por anno, — só com o culto catholico — *quarenta e um milhões cento e noventa mil e oitenta e cinco* pesetas, ou sejam sete mil e quinhentos contos, em moeda portugueza!!

São numeros certos; o clero hespanhol absorve o melhor rendimento da nação, em verbas assim distribuidas:

	Pesetas
Arcebispo de Toledo.....	50:000
" de Santiago e Granada.....	92:000
" Valença e Sevilha.....	93:000
" Burgos, Tarragona, Valhadolid e Zaragoza.....	166:000
54 Bispos.....	1 355:500
A cathedral de Toledo.....	306:500
Com o resto do culto e clero	39.190:085
Somma.....	41.190:085

N'um periodo de dez annos, esta despeza importará á Hespanha em *setenta e cinco mil contos*, de que lhe não veio proveito algum e com os quaes poderia mandar construir uma esquadra de 14 couraçados de 22:000 toneladas cada um, 8 cruzadores de 15:500 toneladas e outros vazos de guerra de tonelagem, variante entre 800 e 5:000.

Alem d'isto, a Hespanha poderia ainda dentro d'aquella importancia crear 8:000 escolas, com 8:000 professores bem pagos.

— Só em 37 annos, a Hespanha gastou com a religião *mil e seiscentos milhões de pesetas!!!*

Emquanto a França dispendeu com o clero 85 centimos, por habitante; a Italia 75; Portugal 50 reis; a Hespanha gasta 3 pesetas, ou sejam 450 reis!

Alem de tudo isto, que é soberbo, as diversas congregções religiosas arrancam desapidadamente centenas de milhares de *duros*, por anno, aos catholicos hespanhoes.

— Eis a razão porque elles pagam mercenarios e compram armamento para invadir Portugal, cujo procedimento lhes não agrada e antes compromette a sua causa. Eis porque se recebe o Couceiro, envolto na lenda de *cavalleiro negro do Eurico*.

A Republica em Portugal deu o exemplo frisantissimo que o povo hespanhol tem de tomar um dia, e isso não convem á causa da reacção, antes lhe apraz que o povo seja a eterna besta de carga, sempre espolhado e villipendiado. Mas emquanto a Hespanha geme vergada sob o peso violento da *ceita negra*, Portugal deu o nobre exemplo da sua reivindicção, e agora está disposto a arrostar com todos os sacrificios, para manter as liberdades conquistadas á custa do sangue generoso dos seus filhos. — Povo! o estrangeiro espreita de perto o nosso torrão florido! A Republica, symbolo respeitavel da nossa Patria, está prestes a exigir o teu sacrificio. No dia em que ella nos mandar partir, façamo-lo corajosamente, conscios de que vamos cumprir o mais sagrado de todos os deveres! Portuguezes, lembrai vos de Aljubarrota!

ECHOS

OS MISERAVEIS!...

Insolentemente provocado pelos meus adversarios, que parece terem visto no meu silencio e prudencia na forma de responder qualquer receio, medo ou cobardia da minha parte, resolvi-me a vir ao campo para que me chamaram, absolutamente disposto e resolvido a rasgar-lhes a mascara da hypocrisia, com que se têm apresentado na contenda.

Não são as suas audaciosas investidas determinadas por qualquer principio de nobresa de carácter, nem tão pouco os anima o amor por esta terra, que elles têm vindo explorando ha mais de 30 annos, mas sómente o desejo de alcançarem o poder, para continuarem nas mesmas bambuchatas de natureza varia, que caracterisam toda a sua vida politica.

Tinham, como digo, tomado por cobardia o meu silencio, mas a esta hora devem estar convencidos de que se enganaram.

Não ha duvida, e o engano ha de sahir-lhes caro.

De todos os processos têm lançado mão para me inutilizarem. De todos, ainda os mais baixos, indignos, deprimentes e miseraveis.

Desde a mais extraordinaria intriga politica, pretendendo fazer acreditar que eu sou um falso republicano e quasi um conspirador, até á mais infamante campanha pessoal, de tudo os meus adversarios se tem servido, como bandoleiros da mais infima especie, anavaliando-me na minha reputação, como ao dobrar de uma esquina qualquer salteador o poderia fazer.

A navalha de ponta e mola com que me pretendem ferir está prestes a voltar-se contra elles, que vão correndo gravissimo perigo de ficarem mortalmente feridos.

Não receio os tribunaes, para onde Augusto Lacerda me vae chamar. Ahi quero apresentar-me e dizer da minha justiça.

Que este individuo convidou Hylario dos Santos para me assassinar, não ha duvida nenhuma, porque eu não comprehendo nem admitto que alguém, embora seja um demetado, se lembre de fazer uma accusação de tal gravidade, não sendo verdadeira.

Augusto Lacerda ha de empregar todos os esforços para publicamente se livrar d'esta suspeição, e elle é fertil em expedientes e processos da mais baixa especie.

Reparem que o Hylario já está em casa de João Cunha, o celebre regedor de 15 d'agosto, que commandava as hostes que cobardemente pretenderam assassinar alguns amigos meus.

João Cunha é um dos grandes admiradores de Augusto Lacerda e, ao cuidado, foi chamando o Hylario para sua casa...

O resto percebe-se.

Esperemos por aquillo que ha de surgir, Augusto Lacerda é capaz de tudo. De tudo, não tenham duvidas.

Não é a primeira vez que este individuo se lembra de me inutilisar.

Ahi por 1907, lembrou elle em casa d'uma familia d'esta villa, a que pertence o sr. dr. Mario das Neves e Castro, a conveniencia de manda-

rem vir da Chamusca, onde essa familia possuia importantes propriedades, um individuo para me assassinar.

Tal infamia foi repellida com energia pelas senhoras a quem elle se dirigia.

Não desejo envolver em questões d'esta natureza senhoras, que a ellas estão muito superiores.

Em todo o caso, estão vivas testemunhas que ouviram pronunciar a Augusto Lacerda a infamia que deixou relatada.

Note-se que ainda hoje me mantenho de relações cortadas com o sr. dr. Mario das Neves e Castro. Este cavalheiro é portanto uma testemunha insuspeita.

A que titulo, perguntará o publico, é que Augusto Lacerda fallou a tal respeito em casa d'essas senhoras? Muito simples. Augusto Lacerda, aproveitando uma má vontade entre o sr. dr. Mario das Neves e Castro e outros individuos, de que eu fazia parte, teceu uma indecente intriga, vindo perante nós dizer que o dr. Mario «dizia cobras e lagartos» e fazendo outro tanto a nosso respeito perante este cavalheiro, convencendo-o tambem de que nós d'elle diziamos as ultimas infamias.

Isto produziu uma grande irritação e d'ahi nasceu uma larga campanha, em que toda a gente escreveu e com cujas responsabilidades archei, pela circumstancia de ficar só na direcção do jornal.

Confesso-me arrependido, e tanto mais que talvez seja eu o que menos responsabilidades tenha.

Foi no periodo agudo d'essa campanha que Augusto Lacerda lembra a conveniencia de eu ser assassinado por individuo da Chamusca, para esse fim encomendado.

Quem conhecer Augusto Lacerda não extranha que seja um bandido tal. Não. Quem, como elle, diz que «quando o pae morrer ha de ir ao cemiterio dizer que o enterrem bem fundo, porque ainda cá pode chegar o cheiro» está habilitado a tudo. A tudo, mesmo a ser assassino.

Não é verdade, Carlos Graça, que, como eu, ouviste dizer a Augusto Lacerda a infamissima phrase que deixou escripta?

O teu testemunho deve ser insuspeito, porque, se és meu amigo, tambem o és d'esse individuo, se por tal creatura se pode ter amizade.

Não é verdade tambem, senhoras de Figueiró, que elle denunciou o pae á fazenda nacional?

Bem me custa referir-me a estes dois factos, por tal forma elles são estupendamente infames, mas preciso mostrar que Augusto Lacerda é homem para tudo. Para tudo, menos para se defrontar lealmente seja, com quem for.

Tambem não ha duvida de que Joaquim Lacerda convidou José Joaquim dos Santos para me inutilisar.

Não é verdade sr. Antonio Augusto de Brito que em janeiro de 1908 fui prevenido na sua presença por aquelle individuo para me acautellar, dizendo que tinha sido convidado para me inutilisar?

O sr. que, alem de ser contador do juizo e por consequencia tem responsabilidades inherentes á sua posição social, é tambem amigo do sr. Joaquim Lacerda, não pode negar este facto.

Pois o bandido que convidou José Joaquim dos Santos não é quem nós julgavamos, mas sim Joaquim Lacerda. São d'esta força os meus adversarios.

Estou vingado.

Se ainda pensarem em levar a sua ávante, vejam se o fazem pelo seguro. De contrario, eu lhes garanto que nem na sua terra páram. E digam-lhe depois que é fanfarronada.

Isto vae por doses, e por isso até á semana.

Miguel A. A. Correia.

A Nação

Por absoluta falta de espaço, deixámos de cumprir um dever que as praxes jornalisticas impõem, sempre que algum injusto agravo apparece em letra redonda, n'aquella imprensa que se presa de ser o mais poderoso instrumento da civilização dos povos.

E' certo que, em um dos nossos ultimos numeros, fizemos offensa grave a um dos nossos mais illustres collegas da capital—A Nação. Chamámos-lhe um nome feio, coisa que não está nos nossos habitos fazer a quem no-lo não merece.

Como aquella folha calculou, e muito bem, o nosso director politico nada tinha com o artigo em questão e, só depois de publicado, poudo ver a incorrecção da passagem que melindrava o nosso illustre collega.

Com effeito, excesso de contumidade nos levou a commetter o erro apontado.

O calor da polemica em que andamos embrenhados, leva-nos algumas vezes a uzar de termos que só se comprehendem para as pessoas a quem são directamente dirigidos. Esta explicação não quer, todavia, dizer que concordamos com a orientação politica da Nação e, por este mesmo motivo, não a lemos de ha cinco para seis annos, como já o não faziamos com o Correio Nacional e ultimamente com «OPortal». D'aquíderivou o nosso engano de suppormos que o papão era mais feio ainda... De modo que, não tendo nós nunca o intento de combater pessoas, mas tão simplesmente ideias, fomos esbarrar n'um abysmo, d'onde só se pode sair briosamente, dando a mão á palmatoria...

E' o que fazemos, com a promessa de que, para a outra vez, teremos mais attenção, quando nos dirigirmos a pessoas dignas.

— A Cesar o que é de Cesar.

A redacção.

Escola de Villas de Pedro

Está pela segunda vez a concurso a escola mixta de Villas de Pedro.

A todos que têm interesse no proviimento d'esta escola, pedimos que vejam se ha alguma professora que a ella concorra. E' preciso que todos trabalhem.

Nós conseguimos a criação da escola e pô-la a concurso.

O que não podemos é inventar uma professora para a ella concorrer.

SUBSCRIÇÃO

A fim de festejar condignamente o anniversario da implantação da Republica, este jornal abre desde já, entre os seus leitores e patricios, uma subscrição, cujo producto sera entregue a uma grande commissão que se está organisando, para promover festas n'esta villa nos dias 4 e 5 d'outubro.

A Redacção..... 100000 reis

De frente...

E' mais um cidadão que vem engrossar as fileiras dos defensores da Patria! Figueiró honra-se de ser seu berço e a Republica sanctificou-lhe o ser, porque o primeiro ar que respirou era já purificado do ambiente podre e malefico que lhe contaminára os pequeninos pulmões, se houvera visto a luz do dia no primeiro periodo da sua gestação.

Homem, eis tudo! Soldado da Republica; amante da Justiça, por direito de nascimento; bom, como todos os que amam a Patria e a Lei, que mais ha de vir enaltecer-lhe amanhã a pequenina frente, hoje engrinalhada de vaporosas rendas que aquelle sentimento, que elle proprio fez brotar, ha tanto preparava...

Tem os olhitos firmes e brilhantes, signal de intelligencia lucida, e por elles exhala a admiração maxima de tudo o que vê...

Tem três dias; mas, quando chegar aos três mezes, já conseguiu multiplicar por dois o amor immenso do coração materno. Aos trez annos, já firme na planta pedicular, irá, pé ante pé, por detrás da cadeira onde o papá se sentou, tirar-lhe graciosamente da algibeira do casaco um palhacito que, por esquecimento trazia os pés de fóra...

E depois... é vê-lo fugir a bom fugir, soltando a ultima gargalhada lá adeante, envolto no resposteiro da casa de jantar...

Fez-se hontem o seu registo civil — os nossos sinceros parabens.

Alsipi.

Carta escamada de frei Manuel das Dores ao geral da ordem frei Jeronymo do Menino Deus

Oh tu, a quem fizemos grão cometa Dos bens da nossa santa irmandade, A quem demos poder, auctoridade, Vestindo-te, ó frei, essa roupeta.

Não esqueças que só nossa piedade A dar-te—nos moveu—a gorda teta Com que tu, meu geral, meu frei marreta Te fartaste, até á saciedade...

Pois vês os teus irmãos escarnecidos, Masmarro, comedor do meu dinheiro (!!) E não ouves sequer os seus gemidos?!...

Ah! Como t'apanhaste no paleiro, A todos já nos tratas de bandidos?! Frei geral, és um bom pantomimeiro!...

Preso mas diabolicas fateixas Do egoismo vil e da vaidade, A todos tratas já sem caridade, Não nos ouvindo as lamentosas queixas.

Oh! meu fradepio, cheio de maldade, Pr'a que tratas de drogas frei Ameixas? E a guardar teus manos sempre deixas O frei Trabuco, mestre da verdade?

E assim pagas tu a janturada Que te demos, cantando teus louvores, Ficando nossa bolsa esvaziada...

Para sempre desprezo teus favores, E vae dizer-te adeus com mão fechada... Teu escamado irmão,

Manuel das Dores

CORRESPONDENCIAS

Graça (Pedrogam Grande), 5 de julho — A nossa pobre correspondencia da semana passada soffreu tractos de potê, mais parecendo que o prélo da « União Figueiroense » desliza sobre um *granêl empastelado* do que sobre uma composição typographica, devidamente revista e paginada! Períodos houve que sahiram com o sentido completamente alterado, não sendo possível fazer as devidas rectificações, pelo que deixaremos a comprehensão da nossa desenfreada prosa entregue ao critério dos nossos leitores, que, certamente, hão de saber desculpar esse desastre typographico, o qual, como em todas as officinas de composição, ás vezes é inevitavel.

Posto isto, passemos á repellente obrigação que nos impozemos de revolver aquella nauseabunda immundicie politica de Pedrogam Grande, que em pleno regimen democratico — regimen da solidariedade humana, pela cultura intellectual e pela honestidade — está actualmente symbolisada pelo infeliz Antonio Jacintho David, esse estouvado administrador do concelho que, mixto de burquez endinheirado e de quasi analfabeto pretencioso, desconhecendo até a significação da palavra modestia, é a personificação do homem que uma sociedade moderna, a debater-se com os grandiosos Idiaes, deve isolar, afastando-o do seu convivio e deixando-o só, todo entregue ás suggestões do seu espirito doentio...

Que políticos são estes — para não fallar dos homens — que vêm a publico com aquella vergonha de uma *representação e protesto*, dirigida ao sr. Ministro do Interior e publicada no « Povo de Pedrogam »?

Nós não queremos já encaral-a sob o aspecto da Verdade e da Justiça, que são coisas que por alli não passaram; mas, se a olharmos á procura d'aquella *habilidade* tradicional de Pedrogam Grande, que desolação nos invade o espirito, santo Deus! O reconhecimento dos erros passados e dos presentes, mas sem aquella nobre coragem de emendal-os, desorienta-os por tal forma que nem sequer procuraram quem elaborasse aquella celebre *representação* com um tudo-nada, ao menos de grammatica e de sensatez! Que Pedrogam Grande defenda a sua autonomia é justo, mas muito justo, porque é legítimo; como justissimo é que Castanheira de Pera procure a sua independencia e a sua fuga das garras da sede do Concelho.

Nada, absolutamente nada, tem esta freguezia com os legitimos direitos de uma outra localidade. Agora que o *livre-pensador* e quejandos venham justificar a applicação dos bens municipaes com esta freguezia, incluindo-a no mappa de confronto das verbas absorvidas pela Castanheira e por Pedrogam Grande, isso é que é descaramento, ó *livre-pensador*, ó republicano das *duzias*, ó espectro, ó coiveiro da tua terra!!!

Não queremos intrometer-nos na contenda da Castanheira com Pedrogam, mas queremos que os *senhores* de Pedrogam apresentem um mappa discriminativo por freguezias, das verbas applicadas, e sempre queremos ver quanto se gastou ou gasta aqui com — *illuminação, limpeza, medico, renda de casas de escola e de professores e com a escola do sexo feminino*...

Por educação e temperamento, somos pouco dados a violencias, escrevendo ou fallando, mas, aqui á puridade, não ha feito, por mais fleugmatico que elle seja, que possa bolir n'este assumpto sem que uma profunda irritação o domine immediatamente! Mas... socegemos uns momentos, fumemos um cigarro e, na contemplação das espiraes do fumo, busquemos a precisa tranquillidade com que, desde o principio, formulámos tenção de criticar a politica de Pedrogam Grande, sem azedume, mas sem desfallecimentos perante as arremetidas que nos fisessem de peito a peito, ou de encruzilhada, onde, porventura alguém, e fosse quem fosse, se escondesse para nos atirar a pedra...

Traçámos este caminho e havemos de segui-lo, se alguma arremetida vil e cobarde nos não obrigar a seguir outro mais escabroso, é certo, mas onde a nos-

sa acção será energica até á violencia, como será mister...

Calmos, pois, e serenos, continuemos a perguntar: — quanto tem a Camara de Pedrogam dispendido com qualquer melhoramento d'esta freguezia?

E não só com esta: e com Villa Facaia, senhores? A proposito d'esta freguezia, havemos de qualquer dia trazer aqui, pelas orelhas, bem amarrados ao poste da sua traição, *uns dois ou tres sujeitos* que alli vegetam e cuja criminosa ambição, em prejuizo da freguezia da Graça, ha de ser trazida á imprensa, á mistura com umas vergastadas que lhes hão de ser applicadas no espinhaço.

Mas — e nós a desviarmos-nos do nosso objectivo — que desfatez ao fallar se em despezas com medico na freguezia da Graça! Não tem conto as vezes que, em vespuras de eleições, aqui é mandado o medico fazer visitas, com a promessa da creação de um partido para servir esta e a freguezia de Villa Facaia.

Chegou se mesmo a crear um partido que — ó descaramento! — foi provido, mas dando a Camara em seguida licença ao facultativo para residir na sede do concelho, de modo que a existencia do partido foi uma ficção, foi uma repugnante mentira!

O *livre-pensador*, esse foi mais longe e nem sequer respeitou a sua dignidade! Esse tractou de supprimir o partido, convertendo os dois que estavam creados, em *ora* só um provido, n'um unico partido e dando o ordenado de dois medicos a um só! E os desgraçados doentes das freguezias distantes, como esta, que procurem os curandeiros ou que morram sem assistencia medica!

Isto é que é ser republicano, ó *livre-pensador*, ó vergonha da Republica Portuguesa, ó cangalheiro de Pedrogam Grande?

Quedêmo-nos por aqui, que isto não vae a matar.

Correspondente.

Festividades da Nossa Senhora da Saude

Fontão Fundeiro, 28.

Realisaram se com muita pompa e desusado brilho os grandes festejos de Nossa Senhora da Saude.

No dia 24 á tarde, quando chegou a esta povoação a philarmonica Castanheirense, foi esta recebida com grande jubilo por parte dos festeiros e muito povo, reinando em todos uma indizível alegria.

Tambem compareceu a musica do *Zé Pereira* ou *Racha Cavaca* de Porto Oliveira e Torgal que, á mistura com grande *fogueterio*, imprimia em toda a povoação uma nota alegre. Á noite queimou-se um lindo fogo de artificio do pyrotechnico Albano, da Selaborda, que produziu os mais surprehendentes effeitos, não obstante a noite se não prestar, visto o vento soprar rijamente.

Ainda assim, o arraial estava animadissimo, vendo-se grandes grupos em bailados, tocando-se aqui e ali diferentes instrumentos que mais enthusiasmavam os *pares*, que dançaram animadamente até de madrugada.

No dia 25 a philarmonica deu a *alvorada*, estoirando uma immensidade de murteiros, cujo ruido se semelhava ao troar da artilheria.

A cerimonia religiosa constou de sermão e missa cantada pelo reverendo Accurcio de Vasconcellos, Reis Mattos e Nascimento, sendo orador o rev. José Rosa, um dos ornamentos mais illustres da tribuna sagrada, tendo saído a procição na melhor ordem, encorporando-se n'ella muitos feis.

Á tarde, o arraial produzia um deslumbrante effeito, vendo-se muitas familias acampadas á sombra da frondosa copa das carvalheiras, servindo se de opiperas petisqueiras, acompanhadas da indispensavel pinga ou *mota* (como aqui lhe chamam). E assim decorreu este dia, até que os numerosos grupos das povoações circunvisinhas começaram a retirar em debandada, cantando e dançando alegremente.

No dia 26, houve tambem missa que foi dita pelo rev. Reis Mattos, continuando a haver animação no arraial, que foi muito concorrido.

Ás 4 horas da tarde, teve logar um jantar campestre, composto de 50 talheres, offerecidos pelos festeiros, srs. Joaquim Nunes Rodrigues, d'esta povoação e residente em Vendas Novas, que muito contribuiu para a solemnidade dos festejos, Jopê Simões Barreiros, José Simões Lucas, José Simões Junior e Manuel Nunes Rodrigues, os quaes são dignos dos maiores elogios, pelos esforços que empregaram para a realização de tão imponente festividade.

Terminado o Jantar, organisou-se uma marcha « aux flambeaux », discursando o padre José Rosa e Sá Pessoa que terminaram por erguer vivas á Republica, á Patria, ao Governo Provisorio e ao Fontão Fundeiro, que foram muito correspondidos.

Foram nomeados mordomos para o proximo anno os cidadãos: José Simões Ribeiro, José Simões Seguro, José da Silva e Manoel dos Reis Arinto.

N. da R. — Não é do nosso correspondente habitual esta correspondencia.

Irmandade da Misericordia

Eleição da mesa administrativa

Como estava annunciada, realisou se no passado domingo a eleição da mesa administrativa da Santa Casa da Misericordia.

Na urna deram entrada 58 listas, contendo todas os mesmos nomes e indicações dos respectivos cargos. Foi mais uma affirmação de que em Figueiró os antigos caciques perderam toda a influencia de que em eleições passadas faziam estendal espaventoso. Hoje porem as cousas mudaram de tal maneira, que nem se atrevem a disputar uma eleição.

A Irmandade da Misericordia vae, pois, entrar n'uma nova administração com que muito têm a lucrar os pobres do concelho, pelo que os felicitamos.

Damos em seguida a lista que foi eleita por uma maioria de *cincoenta e oito votos*:

Provedor — Joaquim Miguel de Carvalho — 1.º secretario, Abilio David dos Reis — 2.º secretario, Manuel da Silva Telhada — Vogaes, José Miguel Fernandes David, Eduardo Simões d'Almeida, Benjamin Augusto Mendes, Manuel Dias Coelho.

NOTICIARIO

Esteve n'esta villa o sr. Albino Ignacio Rosa, da Castanheira de Pera.

— Depois de ter estado alguns dias no Fontão, retirou para Lisboa o sr. Francisco de Sá Pessoa, representante da casa Nunes de Carvalho & C.ª

— Com sua esposa e filhos regressou de Pombal o sr. Joaquim Antunes Ayres Buraca, escrivão-notario n'esta villa.

— Acompanhada da seu tiu esteve n'esta villa a sr.ª D. Maria Carolina Coelho Ribeiro, professora official em Aguda.

— Vimos n'esta villa o sr. padre Francisco Mendes do Cabo, parochio em Miranda do Corvo.

— Tambem estiveram n'esta villa os srs. Adriaõ da Silva Graça, de Altardo, Possidonio Marques, de Aguda, Manuel Filippe Thomaz, do Troviscal e Manuel da Silva Junior, do Fontão Fundeiro.

— De regresso de S. Thomé, chegou no dia 15 do corrente a Lomba da Casa, onde se encontra o sr. Antonio Simões Varanda.

Registo de nascimento

Effectuou se hontem o registo civil d'um filhinho do sr. dr. Henrique Augusto da Rocha, Delegado do Procurador da Republica

n'esta comarca. O registando recebeu o nome de Henrique Justino.

Testemunharam o acto os srs. dr. Antonio de Castro Pereira e Solla, Juiz de Direito e Elyσιο Nunes de Carvalho, escrivão-notario.

Delivrance

No dia 30 do mez findo, teve a sua delivrance a esposa do sr. dr. Henrique Augusto da Rocha Ferreira, Delegado do Procurador da Republica n'esta comarca, a quem sinceramente felicitamos.

ANNUNCIO

(1.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos, cartorio do escrivão do 1.º officio, correm editos de 30 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio, citando os interessados Domingos Bernardo, casado, e Alfredo Bernardo, tambem casado, ambos residentes em parte incerta na cidade de Lisboa, afim de assistirem a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de Rosa Maria, viuva de José Bernardo, morador que foi no logar das Botelhas, freguezia da Castanheira de Pera, no qual é inventariante Maria da Conceição Henriques, do mesmo logar.

Figueiró dos Vinhos, 1 de julho de 1911. E eu, Annibal Veiga Ferrão Paes, escrivão do primeiro officio, que o subscrevi.

Verifiquei

O Juiz de Direito, Pereira e Solla.

Comarca de Figueiró dos Vinhos

(1.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca cartorio do escrivão do primeiro officio, e nos autos d'acção de divorcio que Manuel Simões Calçada, tambem conhecido por Manuel Simões, residente em Figueiró dos Vinhos, move contra sua mulher Maria Joaquina, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação citando aquella Maria Joaquina, auzente em parte incerta, para na segunda audiencia do mesmo juizo, que será contada passados trez dias depois de findo o praso dos editos, ver accusar a citação, e marcar o praso legal para contestar a mesma acção, sob pena de revelia. As audiencias ordinarias n'este juizo fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana, no tribunal judicial d'esta comarca, isto na Praça do Municipio, por 10 horas da manhã, não sendo estes dias feriados.

Figueiró dos Vinhos, 1 de julho de 1911. E eu, Annibal Veiga Ferrão Paes, escrivão, que o subscrevi.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, Pereira e Solla.

**Agencia da Companhia
dos Tabacos de Portugal**

Deposito para fornecimento dos con- celhos de Figueiró, Pedrogam Grande, A- vaizere e Ancião.

CHARUTOS EXTRANGEIROS

De diversos preços

DESCONTOS

Aos possuidores de licença de venda

DEPOSITO DE PHOSPHOROS

AGENCIA DE BANCOS

E diversas casas bancarias do Paiz e estrangeiro

COBRANÇA de etras sobre todas as terras do paiz.

PAGA CHEQUES letras e ordens de pagamento, sobre tódas as praças do paiz e estrangeiro.

SEGUROS CONTRA FOGO

Nas melhores Companhias sobre Pre- dios, Fábricas, Estabelecimentos, Mobi- lias, Animaes, Cortiças, Arvoredo Cea- ras, etc., a preços modicos.

Agente, José Manuel Godinho.

**FABRICO
DE
Lã E SEDA
MIGUEL C. ROSINHA
FIGUEIRO DOS VINHOS**

Neste importante estabele- cimento fabril o unico no seu genero executa-se toda a quali- dade de chalaria desde o mais barato ao mais fino; encarre- gando-se de qualquer exclusivo para armazen.

Artigo de absoluta ga- rantia a preços sem com- petencia.

ANNUNCIO

Vende-se á beira da estrada districtal n.º 123, proximo d'esta villa de Figueiró dos Vinhos, no sitio do Barreiro, um terreno com olival, vinha, sobreiros pinheiros e togeira, a onde se póden construir casas para habitar, cujo terreno mede tres mil setecentos sessenta e sete metros quadrados.

Tem agua na mesma propriedade Quem pretender dirija se a João Au gusto d'Almeida.

Figueiró dos Vinhos

BENJAMIM A. MENDES

Loja dos Quatro Globos

FIGUEIRO DOS VINHOS

Estabelecimento de mercearias, vinhos finos e champagnes. Fazen- das brancas, lindos cortes para vestidos de senhora, de bellas fazendas de lã, ultimos padrões.

Armazem de ferro, folha e aço, camas de ferro, louças e vidros, carboreto de calcio por junto e a retalho.

O proprietario d'esta casa diz a todos os consumidores que, devido ás grandes compras e condições em que as faz, se limita a fazer uns preços a todos os generos do seu negocio como ninguem; e para acreditarem lembra a todos que não comprem sem primeiro visitarem o seu estabe- lecimento só, e assim se certificarão da verdade.

**SOMBRINHAS
PARA SENHORA**

Ao estabelecimento de « O Ba- rateiro do Povo » chegou o que ha de mais chic em sombrinhas de côr para Senhora.

Grande sortido em tecidos para verão. Visitae este estabelecimento, que é sem duvida o que mais barato vende e o que maior sortido tem.

Ao « BARATEIRO DO POVO »

MADEIRA DE CASTANHO

Vende-se uma porção para construcções.

BOMBA MANUAL DE VOLANTE JACTO CONTINUO

Vende-se uma que tira 100 litros d'agua por mi- nuto.

Gustavo Bebiano

Castanheira de Pera

Vinho de 1.ª qualidade

20 litros (um almude) 1\$000 reis
Aguardente de vinho fino

Dirigir a JOSÉ SIMÕES

Nos baixos do Correio

FIGUEIRO DOS VINHOS

Ama de primeiro leite

Offerece-se e dá as melhores referencias; não se importa ir para Lisboa.

N'esta redacção se diz.

Querereis tomar bom café ?

A titulo de experiencia comprae uma pequena porção do que se vende no estabelecimento de

O BARATEIRO DO POVO

e assim vos certificareis da verdade.

Kilo 800 reis

Agencia funeraria

Abilio Henriques e Antonio Alves Callado, previnem o publico, de que acaba- bam de montar uma casa funeraria com todos os artigos concernentes a este ramo de negocio, taes como caixões, pégas e pés para os mesmos em metal e ma- deira dourada e borlas em todas as co- res. Encarregam-se de armar eças e de tratar de qualquer funeral. Tambem se encarregam da encomenda de urnas de mogno para o que tem contracto especia- com as principaes casas.

Tambem tem um deposito com grande quantidade de adubos chemicos para se- menteira de batatas, milho cereaes e ou- tras culturas.

Preços sem competencia. Dirigir a Abilio Henriques ou Anto- nio Alves Callado.

CASTANHEIRA DE PERA

Jeronymo Rodrigues Pinhão

Participa aos seus amigos e fregue- zes que, por contracto especial com uma das melhores casas n'este genero e que mais barato vende, fica tendo d'hoje em diante grande deposito de canellas de folha para lanificios e mais applicações, sendo a mais perfeita e a mais solida cujo preço em Figueiró, livre de trans- portes, é o seguinte:

Canela para trama, prato duplo reforçado.....	4\$150
» prato singelo	3\$950
» para Barbim, prato duplo	2\$950
» para barbim, prato singelo	2\$350

Estes preços são por cada milheiro. Todas as vendas são feitas a prom- pto pagamento, tendo o freguez 2% de desconto nas compras superiores a 30\$000 reis.

Pedidos a

Jeronymo Pinhão
Serralheiro

Figueiró dos Vinhos

Chapeus, guarda soes e sombrinhas, bengallas, tapetes, gravatas e collarinhos.

Chegou novo sortido ao estabelecimento de

O BARATEIRO DO POVO

Rua Luiz Quaresma Val do Rio

Figueiró dos Vinhos

ATTENÇÃO

Antonio Alves Callado, agente de varias Companhias, taes como Garantia do Porto, Portugal Previdente, de Lisboa nas que se encarrega de fazer todos os seguros de vida terrestre, sendo tam- bem agente da acreditada Companhia de Machinas Singer, cujas machinas vende a prestações e a prompto pagamento com grandes descontos, bem como vende to- das as peças soltas, oleo e agulhas en- carregando-se de todos os concertos nas mesmas. Igualmente vende cofres á pro- va de fogo, fogões, camas de ferro e de madeira e ontros moveis.

CASTANHEIRA DE PERA

**Officina de
Serralheria**

DE

JERONYMO RODRIGUES PINHÃO

FIGUEIRO DOS VINHOS

Executa todos os trabalhos concer- nentes á sua arte, como grades, portões, nóras de todos os systemas, moinhos a aermotor, carruagens, etc., tudo por pre- ços modicos.

Na villa de Pedrogam Grande

Grande deposito de adubos chemicos para todas as sementeiras

o maior deposito na região do Zezere

Vendas por atacado e a retalho.

Aos revendedores, preço da fabrica

Fstes adubos são da mais antiga e acreditada fabrica—HENRY BACHOF- FEN & C.ª — Lisboa, a quem os srs, consumidores podem dirigir os seus pedidos, ou ao depositario — com vendas exclusivas nos Concelhos de Pedro- gam Grande, Figueiró e Certã.

MANUEL RODRIGUES

Largo do Adra

PEDROGAM GRANDE